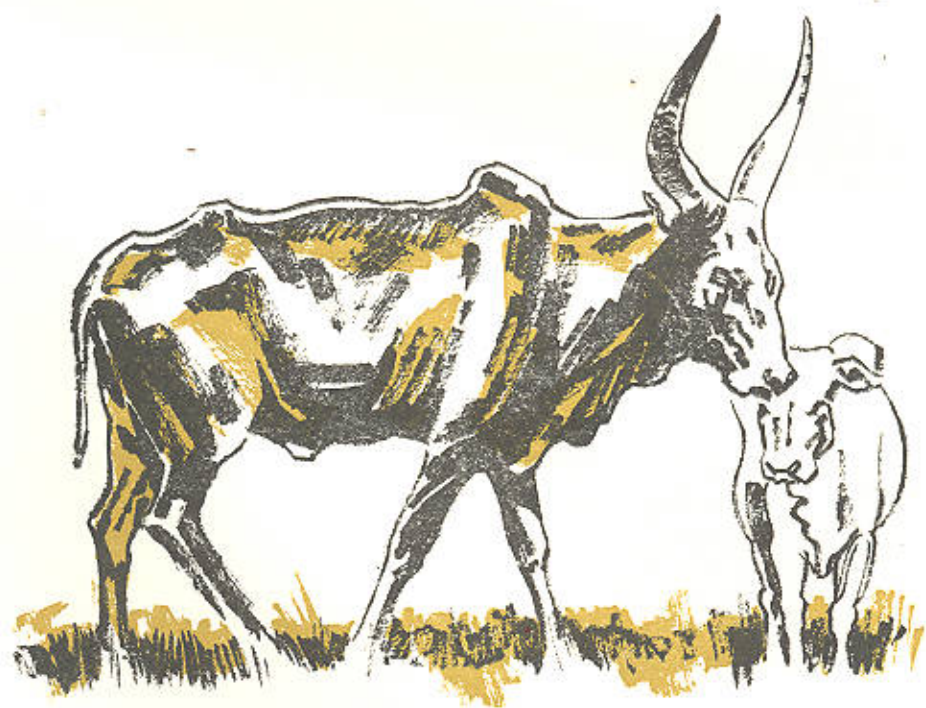


A DEPOSIÇÃO DE

ALFÁ
IÁIÁ



*Os reis não são todos iguais
e nenhum igualava Alfá Iáíá
da família dos Djalo Djére.
A grande árvore tombou
e fugiram os pássaros que ela albergava.
Os nossos olhos choram.
Quando pensamos no nosso amo
os nossos olhos choram !.*

(Da canção de Alfá Iáíá)

POUCO depois de se instalarem no Futa, os franceses puseram em prática medidas que dificultavam as orações. Alfá Iáíá protestou vigorosamente junto do seu amigo Beckmann, afirmando-lhe que os fulas nunca deixariam de gritar bem alto o nome de Deus.

O francês revogou as ordens e mandou que fizessem uma torre muito alta, para que dali gritassem o nome de Alá.

Mas, passados anos, os sucessores de Beckmann procederam de maneira que o rei de Labé se convenceu de que os franceses não o deixariam reinar e acabariam por prendê-lo. Reuniu, por isso, os chefes religiosos e militares do reino, para lhes expor a situação e perguntar-lhes se não seria preferível a guerra, ao enfraquecimento gradual do seu poder e do seu prestígio.

O «caramó» Cutubó, jacaanca de Tubá, disse que o facto de estarem os franceses no Futa e noutras regiões era a vontade de Deus². Que não devia o senhor do Labé fazer a guerra, porque já

na sua vida derramara muito sangue e, se continuasse pelo mesmo caminho, não entraria no paraíso.

— Se ficares em paz e te deixares prender, obedeces a Deus e lavas os teus pecados — disse o religioso.

— Estes «chernos» fazem arrefecer o meu coração, como se fosse um trapo — exclamou, desanimado pelo conselho, Alfá Iáíá.

O «caramó» pediu ao rei que fosse ao seu curral. Se no momento de lá entrar não visse uma vaca preta a lambar um vitelinho de cor branca, então poderia pensar que o seu conselho não era bom e preferir a guerra.

Foi Iáíá ao curral e viu que tudo o que o santo homem dissera era a verdade. Resolveu por isso obedecer ao «caramó», convencido de que obedecia à vontade de Deus.

Passado algum tempo, recebeu ordem dos franceses para se apresentar em Conakry. Em sinal de boa vontade e submissão, mandou embrulhar três mil espingardas em esteiras e mandou-as às autoridades europeias, dizendo contudo que não comparecia à convocação.

Ao saber desta recusa, o «cherno» Cutubó disse-lhe:

— Ou tu accitas a ordem recebida, ou eu vou descalço e pelos caminhos mais pedregosos até Conakry, castigando-me por tua causa. Mas tu fica certo de que não entrarás no Paraíso.

Alfá Iáíá resignou-se e partiu. No último momento, libertou todos os seus escravos, sabendo bem que já não precisaria deles.

Durante um mês, em Conakry, o rei de Labé foi mostrado a quem dava cem francos para o ver. Por fim, meteram-no num barco e levaram-no para o Dahomey³.

Chegado ali, o seu último grande gesto foi comprar quarenta cavalos e cem vacas. Quando lhe perguntaram porque fizera isso, disse que o solidão é uma coisa triste e que um fula não se considera só, se tiver cavalos e bois, aquilo que mais adora. E foram estes animais o seu único consolo até morrer.

Desaparecido que foi Alfá Iáíá, o último grande senhor do Futa, afirma uma canção feita em sua honra que os seus guerreiros dis-

persaram, tal como sucede aos pássaros que habitam as ramadas de uma grande árvore, quando esta cai.

¹ Se bem que Alfá Iáíá fosse fula esta canção foi feita por mandingas, que por ele tinham grande estima. Os homens da sua própria raça não o estimavam tanto, preferindo o seu primo e rival Abubakar.

² «Caramó», como já vimos, é sinónimo de «cherno», isto é, doutor mulçulmano.

³ Alfá Iáíá morreu no seu exílio do Dahomey em 1906.